

16/05/2016 - 08H06 - ATUALIZADA ÀS 08H09 - POR LUIZ HENRIQUE VIEIRA, EM BUENOS AIRES

Setor automotivo cresce na “nova Argentina”

As boas notícias do setor têm ligação direta com o relançamento do Plano Nacional de Autos, que permite o financiamento total do carro



PRODUÇÃO DE VEÍCULOS NA ARGENTINA (FOTO: REPRODUÇÃO/FACEBOOK)

O mercado automobilístico argentino, na era Macri, já tem o que comemorar. Apesar de os preços dos veículos terem aumentado em mais de 30% no último ano e de 15 a 20% somente nos primeiros três meses de 2016, o setor (talvez o que mais interesse ao Brasil no mercado argentino), houve um aumento de 1,7% nas vendas de automóveis 0 km no primeiro trimestre deste ano em relação ao mesmo período de 2015. Ao todo, 55.814 unidades foram vendidas, de acordo com a

lá. Na

comparação de março com fevereiro, a vantagem é ainda maior, com um avanço de 16,3%. No primeiro trimestre, a Volkswagen abocanhou 18,3% do mercado, seguida pela Chevrolet com 16,4%, Fiat com 12,2% e Ford com 12,1%. As boas notícias do setor têm ligação direta com o relançamento do Plano Nacional de Autos, que permite o financiamento total do carro.

O presidente da entidade que representa as revendas, a Câmara do Comércio Automotor, Alberto Príncipe, lamenta que os números não sejam melhores e que houve uma queda nas vendas considerando as vendas de carros usados na contabilização total. Mas destaca algumas medidas positivas do governo que devem melhorar esse panorama.

“Viemos de um ano recorde. O crédito não está decolando, houve aumento de preços e há toda uma acomodação da economia. As pessoas estão esperando. O que pode beneficiar muito é a volta da poupança em dólar e já há reflexos nas vendas com o agronegócio,” destacou Príncipe à Época Negócios, dono de uma revenda Hyundai no bairro portenho de Belgrano. Ele revelou que cerca de 30% a 40% das compras de automóveis estão sendo feitas por consórcios.

Frente a essa melhora, vários conglomerados do setor automobilístico já começaram a fazer importantes investimentos e oferecer novos carros. Com a presença de Macri, Sérgio Marchionne, presidente Mundial da Fiat Chrysler, anunciou um investimento de US\$ 500 milhões na planta de Ferreyra, província de Córdoba, para um novo modelo de carro que será fabricado apenas na Argentina, com 100 mil unidades por ano e lançado na metade de 2017.

Já a Ford, que começou um investimento de cerca de US\$ 220 milhões no ano passado na planta de General Pacheco, também em Córdoba, no ano passado, está analisando novos aportes no país. O presidente da empresa na Argentina e da Adefa, Enrique Alemañy, afirmou em entrevista ao jornal Cronista Comercial, congênere portenho do Valor Econômico, que apesar dos aumentos de preços, as margens das fábricas estão diminuindo, mas que mesmo assim as coisas estão melhorando. De acordo com Alemañy, a visita de Barack Obama foi bastante importante para a imagem do país e ficou mais fácil de convencer Detroit para

novos investimentos.

“É preciso colocar em perspectiva que sempre que conversávamos com chefes regionais ou dos EUA, a pergunta era sempre se a Argentina se converteria em uma Venezuela. A visão atual é de que se são feitas as coisas bem, há muitas oportunidades de crescer. A visita de Obama marcou uma etapa de normalização. [...] A situação melhorou, mas partiu de uma situação dramática,” declarou Alemány.

Para o presidente da Ford Argentina, o que mais lhe preocupa para a unidade que dirige, a indústria automotriz em geral e a matriz da Ford é a situação do Brasil. Das mais de 900 mil unidades de automóveis produzidas na Argentina, mais de 350 mil tem como o Brasil. Em função dos altos impostos, calculados por Alemány em 18% de custos indiretos repassados na exportação, fica muito difícil para os hermanos exportarem em números significativos para mais países.

Em entrevista a Época Negócios, o Gerente Geral de Assuntos Corporativos da Toyota Argentina, Daniel Afione, expressou mais otimismo. Após anos de crescimento “paulatino” no mercado argentino, a marca japonesa esperava bater o recorde de 65 mil unidades vendidas em 2015, com uma forte aposta na best-seller Hilux, na SW-4, que é exportada ao Brasil, e nas vendas a consórcio do Ethios. Segundo Afione, o governo já implementou as principais medidas que a economia argentina necessitava. No momento, a Toyota está focada na implementação de um investimento de US\$ 500 milhões na fábrica de Zárate, na província de Buenos Aires. De acordo com o executivo, apenas falta mais tempo para que exista uma decolagem dos investimentos no setor automotriz.

A cadeia de produção de carros argentina possui aproximadamente 70% dos insumos importados. Em 2012, durante o governo de Cristina Kirchner, o setor enfrentou um dos momentos mais difíceis com cotas muito pequenas de importações, inviabilizando as marcas que trazem importados, e tornando as fábricas ociosas pela demora na liberação dos insumos de fora. Com a recuperação das reservas cambiais no Banco Central argentino, segundo Afione, essa situação está completamente superada. “Não temos mais nenhuma trava a reportar com

relação a importação e exportação de produtos e serviços. Nem na nossa cadeia de valor e nenhum de nossos fornecedores. Temos tido toda a liberdade para operar, ” revelou.

Enquanto isso no Brasil, a venda de carros já acumula queda de 27% neste ano. Em abril, o tombo foi de 25% em relação ao mesmo período do ano passado.